

# “O PECADO”, DE LIMA BARRETO: DA RECEPÇÃO À APREENSÃO DE SENTIDOS FILOSÓFICOS

Edna Maria de Oliveira Ferreira 

Doutora em Educação (UNR/Arg - 2023). Mestre em Educação Agrícola (UFRJ, 2007). Graduação em Letras pela Universidade do Oeste de São Paulo (1978). Graduação em Pedagogia pela Universidade do Oeste de São Paulo (1980). Atualmente é professora do ensino básico técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.  
E-mail: edmaof@hotmail.com

## Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação  
de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 5 n. 1, 2026.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 19/03/2026

Aprovado em: 19/06/2026

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.20802431>

## Resumo

A leitura é essencial para o desenvolvimento da linguagem e para a aquisição de visão crítica sobre o mundo. No entanto, mesmo diante do convívio com altas tecnologias conectadas à internet, em que a leitura digital assume a frente no consumo de informações, é comum a queixa de que os alunos não compreendem com profundidade e não se interessam pela leitura literária. Assim, objetiva-se com este relato de experiência, fomentar discussões sobre as práticas escolares de leitura, bem como sobre os métodos de ensino de leitura, já discutidas na década de 90, mas tão urgentes ainda hoje, quando novos suportes textuais se fazem presentes. O acesso efetivo e criterioso dos professores com saberes produzidos sobre compreensão leitora, com vistas a trabalharem com os alunos estratégias de leitura adequadas, nos vários estágios de aprendizagem, ainda precisa ser alcançado no Brasil. Para tanto, foi desenvolvida com esse propósito uma revisão bibliográfica, associada a uma mediação em leitura, a partir de um conto impresso, com alunos do 1º Ano do ensino médio profissionalizante integrado, do IF Baiano campus Senhor do Bonfim, na disciplina de Leitura e Produção Textual I. A mediação buscou ilustrar a fundamentação teórica que sustenta a argumentação, neste texto, e poderá oportunizar também formação cidadã para uma educação decolonial e afrocentrada. Percebeu-se baixa capacidade inferencial entre os alunos, se considerado o nível de ensino em que se encontram; e concluiu-se que tanto o ensino de leitura quanto a mediação pedagógica em leitura devem receber maior atenção nas escolas.

**Palavras - chave:** Inferência. Compreensão leitora. Processamento cognitivo em leitura.

## INTRODUÇÃO

Todo conhecimento científico começa com um desafio: um enigma a ser decifrado! A natureza desafia: “Veja se você me decifra!” E aí os olhos e a inteligência do cientista põem a trabalhar para decifrar o enigma. (Rubem Alves, 2004, p. 39).

A relação entre linguagem e filosofia remonta aos sofistas gregos que desde a antiguidade já percebiam a proximidade entre interação e linguagem para a construção do conhecimento. Desse mesmo modo, a leitura, seja a digital ou a que tem o papel como suporte, permeia a vida dos cidadãos atuais, mostrando-se um apêndice imprescindível, sem o qual não se pode sequer exercer a cidadania. É natural, então, que os espaços escolares, nos diversos componentes curriculares, a exemplo de filosofia, sociologia, biologia, etc., utilizem-se da leitura, mesmo que com ênfase no texto impresso, para promover e atualizar conhecimentos, desenvolver o pensamento, a análise crítica, o raciocínio e a criatividade. Ou seja, acredita-se que, a partir da prática da leitura, o aluno, leitor-autônomo, possa debater e formar opinião, ou ainda, posicionar-se sobre eventuais temas.

Assim, o aprendizado da leitura tem merecido atenção especial entre os educadores, já há algumas décadas, e mantém-se necessário na atualidade. A leitura passou a ser entendida como instrumento de aprendizagem, com relevância nos estudos da ciência cognitiva, ou mesmo da neurociência educacional, que buscam desvelar como o cérebro humano se comporta diante dos estímulos, durante o processo de aprendizado. Até mesmo a concepção de leitura como processo mental-cognitivo complexo acabou por determinar, portanto, uma condição básica para que o ensino de leitura seja produtor: todo professor deve ser um conhecedor dos elementos que constituem os processamentos cognitivos e metacognitivos

que ocorrem na mente do leitor, durante o processamento do texto (ANTUNES, 2009).

Nesse sentido, tem-se que “ao compreender os processos cerebrais que sustentam a aprendizagem, os educadores podem desenvolver estratégias mais eficientes e personalizadas, ajustando o ensino às necessidades específicas de cada estudante.”, como afirmam (GOMES *et al.* 2025, p. 06). Enfim, são muitos os estudos que evidenciam que os professores precisam compreender os aspectos cognitivos e psicolinguísticos envolvidos no processo de leitura, bem como os novos desafios que surgem quando há alternância entre os suportes de texto, como o papel e o digital, na tarefa de ler e compreender (COSTA E FALÉ, 2024).

Esses autores, entre outros, defendem que conhecer como se dá o processamento textual é crucial para a escolha devida da metodologia a ser utilizada, a depender do estágio de leitura em que se encontra o aprendiz; para a seleção que se faz dos textos a serem lidos; para motivar no aluno o acionamento de estratégias de leitura adequadas; para o acompanhamento e avaliação do próprio processo de aprendizagem da leitura, etc. Mas sabe-se que essa não é a realidade na maioria de nossas escolas públicas brasileiras, conforme (Silveira, 2015, p. 17), quando observa que “(...) os estudos das relações entre leitura e cognição humana ainda não são bem disseminados entre os professores e educadores no nosso país”. E comunga-se com essa ideia da autora, já que essa enunciação ainda ecoa, mesmo em tempos de invasão das tecnologias digitais na sociedade brasileira.

Vive-se na era da informação e convive-se com tecnologias digitais cada dia mais evoluídas que permitem a interação em rede; sabe-se que a aquisição de conhecimento, em qualquer disciplina ou campo de conhecimento, não prescinde da leitura

ra e, mesmo assim, a compreensão leitora tem se mostrado muito aquém do ideal, para a consecução da autonomia em leitura e para o desenvolvimento do senso crítico. Há estudos recentes que buscam compreender os mecanismos da leitura digital, bem como as novas estratégias mentais que esse tipo de leitura requer. Às vezes são divergentes, mas sempre trazem suas contribuições.

E esses estudos apontam para que os alunos que são treinados para ler em telas, partindo de objetivos definidos e dispensando atenção devida ao momento da leitura, podem ter seu nível de compreensão próximo ou igual ao da leitura impressa. No entanto, há estudiosos, a exemplo de Oliveira Filho (2024), que defendem a ideia de que a leitura digital pode acarretar em falta de concentração e a compreensão costuma ser afetada, principalmente em textos longos ou com estrutura complexa (Souza et al, 2025); ou quando em situação de desatenção, o que resulta em superficialidade da leitura.

A motivação para a escrita deste relato de experiência foi a crença em que todo professor precisa ser conhecedor de que a leitura resulta do processamento mental-cognitivo complexo, cabendo a ele a tarefa de conduzir gradativamente o aprendizado das habilidades em leitura, de modo a oportunizar ao aluno leitor fazer inferências. Logo, faz-se necessário e urgente que esses saberes, bem como outros produzidos mais recentemente sobre texto, leitura e ensino de leitura, independentemente do tipo de suporte textual que se utilize, adentrem as escolas Brasil afora, sob pena de a situação se tornar ainda mais caótica, no que se refere à competência leitora dos alunos, pois as tecnologias sempre trazem com elas novos gêneros textuais e novas exigências.

A inquietação com essa constatação levou-nos a desenvolver uma pesquisa bibliográfica, associada a

uma mediação em leitura, a partir do gênero discursivo conto, em que os protocolos de leitura foram elaborados, para que os sujeitos oralizassem a interação que faziam com o texto, durante a leitura em papel impresso, com o objetivo de avaliar a capacidade de inferência desses alunos. As respostas dadas serviram para exemplificar algumas das teorias sobre compreensão leitora e também a tese defendida neste texto de que se faz necessário o debate sobre como trabalhar leitura nas escolas, nos diferentes níveis em que se encontra o aprendiz. Espera-se motivar e facilitar o entendimento sobre como se dá, de fato, o processamento da leitura, motivando ainda mais todo e qualquer professor, das mais distintas disciplinas, na tarefa de ensinar a ler.

Assim, esse texto está assim organizado: 1. Introdução, em que se apresenta a tese a ser defendida; 2. Uma breve análise do conto *O Pecado*, de Lima Barreto; 3. O processo cognitivo de leitura e a compreensão leitora; 4. Metodologia e discussões sobre algumas das estratégias de leitura utilizadas pelos alunos, a partir do protocolo desenvolvido com alunos na sala de aula de Língua Portuguesa e Literaturas (I) e, por último, as considerações finais.

## **Breve análise do conto “o pecado”, de Lima Barreto**

### **Conto**

Quando naquele dia São Pedro despertou, despertou risinho e de bom humor. E, terminados os cuidados higiênicos da manhã, ele se foi à competente repartição celestial buscar ordens do Supremo e saber que almas chegariam na próxima leva.

Em uma mesa longa, larga e baixa, um grande livro aberto se estendia e debruçado sobre ele, todo entregue ao serviço, um guarda-livros punha em dia a escrituração das almas, de acordo com as mortes que Anjos mensageiros e noticiosos traziam de toda extensão da terra. Da pena do encarregado celeste es-

corriam grossas letras, e de quando em quando ele mudava a caneta para melhor talhar um outro caráter caligráfico.

Assim páginas ia ele enchendo, enfeitadas, iluminadas em os mais preciosos tipos de letras. Havia no emprego **de cada um deles**, uma certa razão de ser e entre si guardavam tão feliz disposição que encantava o ver uma página escrita do livro. O nome era escrito em bastardo, letra forte e larga; a filiação em gótico, tinha um ar religioso, antigo, as faltas, em bastardo e as qualidades em ronde arabescado.

Ao entrar, São Pedro, **o escriturário do Eterno**, voltou-se, saudou-o e, à reclamação da lista d'almas pelo **Santo**, **ele** respondeu com algum enfado (enfado do ofício) que viesse à tarde buscá-la.

Aí pela tardinha, ao findar a escrita, o funcionário celeste (um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul) tirava uma lista explicativa e entregava a São Pedro a fim de se preparar convenientemente para receber os ex-vivos no dia seguinte.

Dessa vez ao contrário de todo o sempre, São Pedro, antes de sair, leu de antemão a lista; e essa sua leitura foi útil, pois que se a não fizesse talvez, dali em diante, para o resto das idades – quem sabe? – o Céu ficasse de todo estragado. Leu São Pedro a relação: havia muitas almas, muitas mesmo, delas todas, à vista das explicações apenas, uma lhe assanhou o espanto e a estranheza. Leu novamente. Vinha assim: P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador, quarenta e oito anos. Casado. Casto. Honesto. Caridoso. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Deveras, pensou o **Santo Porteiro**, é uma alma excepcional; como tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, per *saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes Santo...

– E por que não ia? deu-lhe vontade de perguntar ao **seráfico burocrata**.

– Não sei, retrucou-lhe este. Você sabe, acrescentou, sou mandado...

– Veja bem nos assentamentos. Não vá ter você se enganado. Procure, retrucou por sua vez o **velho pescador** canonizado.

Acompanhado de dolorosos rangidos da mesa, o guarda-livros foi folheando o enorme Registro, até encontrar a página própria, onde com certo esforço achou a linha adequada e com o dedo afinal apontou o assentamento e leu alto:

– P. L. C., filho de..., neto de..., bisneto de... – Carregador. Quarenta e oito anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como São Francisco de Assis. Virtuoso como São Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo.

Levando o dedo pela pauta horizontal e nas “Observações”, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito:

– Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório.

A leitura coloca o leitor em contato com um modo singular de conceber a literatura e com uma linguagem simples, menos monitorada e utilizada, especialmente nesse conto, como dispositivo de denúncia em busca de uma mudança profunda e abrangente na consciência das pessoas que compunham a sociedade daquele tempo, início do século XX, ao tratar a questão do preconceito, racismo e valores morais e éticos. No conto fica evidente que a principal meta do autor, tanto na composição literária como na impressão de suas crenças e valores, era a instância social. Geralmente, seus temas mais frequentes foram o racismo, a corrupção na política, a depressão, a violência contra as mulheres, desigualdades sociais. Temas proibidos no contexto em que o conto foi produzido, mas com os quais o autor se manteve sempre comprometido, talvez por sofrer várias situações de preconceito e racismo ao longo da vida.

Dessa maneira, como as obras desse autor traziam temas que visavam a mudanças de comportamento nos indivíduos através da reflexão, em que se pretendia o desenvolvimento do senso crítico, elas foram negligenciadas a segundo plano. Outro fator que contribuiu para essa invisibilidade, naquele mo-

mento, foi justamente sua origem negra. Lima Barreto denunciava uma sociedade em que a liberdade de viver era cerceada por preconceitos de cor e de classe social, mostrando como a detenção do poder era determinante nas decisões, comportamentos e atitudes de alguns grupos, em detrimento de outros menos favorecidos.

No conto em questão, o preconceito, o racismo e as injustiças praticadas pela sociedade brasileira são temas tratados de forma a reverberar a hipocrisia que tomava conta das ações humanas já naquela época. O narrador é em terceira pessoa e o enredo se mostra enxuto, direto e, às vezes, até meio árido ao emocional do leitor, pois na narrativa tudo acontece muito rápido e de maneira contundente. A obra foi escrita em 1904, em plena vigência do Realismo no Brasil, que ainda convivia bem com outros movimentos literários que já se anunciavam no país.

Os personagens da narrativa são três: P. C. L., o Guarda-Livros e São Pedro. O personagem P. C. L. é um negro de bom caráter e capaz de ações virtuosas. O Guarda-Livros tinha por função registrar, consultar registros e fornecer informações sobre as almas que chegavam ao céu. Já São Pedro, Santo católico, conhecido de todos como o porteiro do céu, era responsável por permitir ou não a entrada das almas no paraíso. Dessa maneira, atento ao bom caráter e virtudes de P. C. L. na Terra, o Guarda-Livros não hesitou a princípio, em direcioná-lo ao céu. Entretanto, após a análise cautelosa de São Pedro que observa a cor preta daquela alma e faz o alerta ao Guarda-Livros sobre essa condição, P. C. L. é redirecionado para o purgatório. Ou seja, a cor da pele de P. C. L. não o habilitava a frequentar o céu; sua cor de pele não era digna de adentar o paraíso. Daí o título do conto.

A hipocrisia da sociedade e dos que se diziam religiosos fica patente no conto. Lima Barreto talvez tivesse a pretensão de que ocorressem mudanças

substanciais na sociedade de outrora, para que os problemas de preconceito, racismo, hipocrisia, dentre tantos outros, pudessem ser evadidos do meio social. Infelizmente, não foi o que ocorreu. Convivemos ainda hoje com o racismo estrutural em nossa sociedade. Há que se fazer referência às mudanças positivas ocorridas, mas elas têm sido muito lentas. Nesse sentido, a leitura desse conto oportunizou o debate em sala de aula sobre esses temas levantados pela leitura, hipocrisia e racismo, promovendo reflexões sobre valores éticos e morais.

Dessa maneira, a professora de Língua Portuguesa e Literaturas (I) desenvolveu um projeto de ensino com os alunos do primeiro ano/2025, de Agroindústria, ensino médio integrado, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, com a participação da professora de Filosofia da Instituição, em que a partir da leitura do conto, um protocolo de leitura foi aplicado, com o propósito de acompanhar as operações inferenciais realizadas pelos alunos, durante a leitura. Os resultados obtidos serão discutidos na Seção 4 deste artigo, exemplificando as teorias que sustentam a tese defendida nesse texto, principalmente no que se refere ao nível de operação inferencial realizada pelo aluno, conforme propõe Marcuschi (2008, p. 254) e a necessidade de se discutirem mais demoradamente sobre como se dá o processamento cognitivo da leitura, com os docentes.

### **O processo cognitivo da leitura e a compreensão leitora**

A era digital chegou e com ela muitas alterações nos circuitos cerebrais estão ocorrendo e outras tantas sendo previstas. Wolf (2019) alerta para o fato de que a transição do papel para as telas traz consigo mudanças, em relação às capacidades de leitura conhecidas anteriormente e consideradas, até então, como ideais para explicar o processamento da lei-

tura. O novo hábito de apenas passar os olhos rapidamente, tentando extrair o melhor dos conteúdos disponíveis nas diversas tecnologias acessíveis, num tempo menor, tem se mostrado forte aliado para que essas alterações no cérebro ocorram.

Wolf (2019) criou o conceito de “paciência cognitiva” para referir-se à necessidade de treinar o cérebro para que ele mantenha a concentração, diante de textos longos ou complexos, mostrando já a interferência desse novo hábito de leitura nas capacidades cognitivas. E isso acaba por alterar também os estudos e as orientações sobre como se dá o processamento cognitivo da leitura. Nessa perspectiva, e na tentativa de fomentar o debate para que se retomem as discussões sobre processamento cognitivo e ensino de leitura, desde fase inicial do aprendizado, até estágios mais avançados, uma vez que a escola ainda não alcançou totalmente esse objetivo, escreve-se este artigo tomando autores como Kleiman (2002), Marcuschi (2008) e Silveira (2015), dentre outros, para respaldar nossos argumentos.

Afinal, a leitura é uma prática social destinada a conectar o indivíduo ao conhecimento e à atualização desse conhecimento, daí a incumbência da escola em desenvolver as habilidades de leitura, nos mais diversos estágios em que se encontram os alunos. Silveira (2015, p.45) observa que “para viver e se desenvolver biologicamente e socialmente, o ser humano tem que perceber, ler e compreender o que está ao seu redor, não importando, aqui, a qualidade ou intensidade dessas leituras”. No entanto, num sentido mais restrito, essa autora aponta dois processos: a decodificação e a compreensão como fundamentais para que haja uma leitura e atribuição de sentidos de maneira proficiente e autônoma. E esses dois processos devem ser ensinados criteriosamente na escola.

A decodificação, primeira etapa do processamento cognitivo, envolve conhecimentos linguístico, psicolinguísticos que na interação que ocorre na mente do aprendiz, seja ele criança ou adulto, vai resultar na consciência das bases alfabética, silábica e ortográfica da língua. Silveira (2015) ensina que adquirida essa habilidade de base alfabética, que se dá geralmente na alfabetização, deve-se continuar estimulando a leitura para que, de maneira gradativa<sup>1</sup>, o aprendiz alcance uma compreensão cada vez mais elaborada do texto escrito. Como se vê, o letramento impacta na atuação social do cidadão.

Marcuschi (2008, p. 228) evidencia que “[...] perceber é reconhecer com categorias ou esquemas internalizados e não apenas ver, sentir, ouvir, etc. pela sensação direta dos sentidos puros”. Ou seja, o ato de pensar acontece a partir de categorias e esquemas cognitivos elaborados socialmente como nos ensina Vygotsky (1984). Essa ideia é base para a abordagem sociointeracionista vygotskyniana que vê a língua como atividade social e histórica. Com efeito, é na interação que os sujeitos atribuem sentidos, constroem seus modelos culturais e significam a realidade a sua volta. Logo, pode-se falar em diferentes compreensões de textos a depender dos diferentes leitores (Marcuschi, 2008, p.229).

É importante ressaltar que após a automatização do processo de decodificação, o córtex cerebral busca dar conta de outro processo mais complexo e mais elaborado: o da compreensão. A compreensão leitora resulta da decodificação (processo ascendente) em integração e interação com os níveis semânticos (processos descendentes) até atingir níveis mais altos de compreensão do texto escrito que dependem do processo inferencial (Silveira, 2015). Essa autora (p. 43) pontua que

---

<sup>1</sup>As práticas de leitura devem ser gradativas e produtivas, com manuseio de gêneros textuais diversificados, o que fortalecerá cada vez mais o processo de letramento desse indivíduo.

[...] o leitor maduro tanto decodifica quanto infere, deduz, analisa, confirma predições e seleciona itens que acha mais relevantes para encontrar sentido num texto. Assim sendo, o modelo de leitura mais equilibrado é aquele que considera não só o conhecimento prévio do leitor, mas também o seu domínio da decodificação eficiente da informação visual, ou seja, o texto.

Os modelos teóricos de leitura tentam explicar os processos mentais, linguísticos e cognitivos que acontecem quando o indivíduo efetivamente lê, já que o objeto de estudos das ciências da cognição é intangível. Compreende-se que, para além dos fatores externos, como acesso à biblioteca, políticas públicas que favoreçam o acesso à leitura, acesso às tecnologias digitais, etc., há outros fatores que interferem para que haja proficiência na leitura; para que o ensino de leitura alcance seu propósito inicial, que é a compreensão leitora. E esses fatores são de ordem mais intrínseca, relacionados a aspectos biopsíquicos, conforme nos ensinam Oliveira e Silveira (2015, p. 49),

“[...] no processamento da leitura estão envolvidos a automatização da decodificação, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e metacognitivas que auxiliam o leitor iniciante ou proficiente. Associado a este processamento, converge ainda, o acionamento de esquemas mentais, ou blocos semânticos de conhecimento que se encontram armazenados na memória do leitor, construídos a partir do seu conhecimento prévio.”

Assim, entende-se que é justamente o acionamento desses conhecimentos que permite ao leitor fazer inferências, refutar hipóteses, selecionar outras, em direção à compreensão do texto escrito.

Neste relato de experiência, faz-se um recorte, evidenciando o processo de ensino e aprendizagem da leitura em fase já bem mais adiantada: depois da decodificação e do automatismo na identificação de palavras.

Pretende-se dar maior atenção, à mediação da leitura do conto em papel impresso e às fases subsequentes em que o leitor precisa empregar conhecimentos e estratégias que vão além da combinação de palavras; é necessário que o leitor seja capaz de fazer a representação mental do conteúdo proposto; de fazer inferências, refutar hipóteses e selecionar outras, modificar sua predição, para processar as informações. na tentativa de dar sentido aos enunciados e compreender explícitos e implícitos do texto (SOLÉ, 1998).

Estratégias cognitivas são as operações automáticas realizadas de forma inconsciente pelo leitor e envolve outros conhecimentos já automatizados, a exemplo de elementos sintáticos, lexicais e semânticos, na pretensão de compreender o texto escrito. Já que as estratégias de leitura não são ensináveis, cabe ao professor selecionar experiências ricas em leitura que oportunizem o acionamento das diversas estratégias, já conhecidas de todos, graças aos estudos da psicolinguística, linguística textual, dentre outras, que respaldam o aprendizado da leitura. Silveira (2015) analisa que tanto na leitura de mundo como na leitura de textos escritos, ou nos vários processos de compreensão, utilizam-se essas estratégias.

As estratégias metacognitivas são as que ocorrem na mente do leitor, e sobre as quais ele tem consciência; consegue explicar a ação; sabe dizer o objetivo daquela leitura e percebe quando não está conseguindo entender o texto (Kleiman, 2002). Ou ainda, são mecanismos que captam possíveis desvios na compreensão, e exigem esforço da capacidade de processamento do leitor. Elas podem ser usadas antes, durante e depois da leitura do texto. É válido lembrar que quanto mais se exercita a leitura, mais proficiente se torna; mais aguçada ficará a capacidade de inferir, por exemplo.

Em relação à leitura digital, presente no dia a dia de todos, já se sabe que deve ser aprendida também, partindo de estratégias cognitivas e metacognitivas,

para que a capacidade de compreensão seja significativa e produtora. Ou seja, os alunos devem ler e provar que compreenderam o que leram (Costa e Falé, 2024). Alguns estudos mostram que há variação na profundidade de compreensão, a depender do formato da leitura: se impressa ou digital. Esses estudiosos defendem que leituras digitais garantem maior compreensão do texto, quando são mais curtas, com comandos de tarefas mais simples; enquanto a leitura de textos mais longos e que necessitam de compreensão mais profunda, deve ser realizada em papel impresso (Souza *et al.*, 2025).

Já o processo inferencial, tal como entendido por Marcuschi, é um processo cognitivo em que os leitores (falantes/ouvintes), considerando o contexto e as informações textuais, constroem uma outra possível representação semântica. Assim, compreender é, acima de tudo, a capacidade de relacionar conhecimentos, vivências e ações, em um jogo criativo, construtivo e sociointerativo (Marcuschi, 2008, p. 248). Daí o entendimento de que o sentido não está no texto, não está no autor e nem no leitor, mas numa relação interativa e complexa entre os três, além do contexto. Por isso, é necessário haver um equilíbrio entre leitura digital e impressa, para que as devidas competências envolvidas em cada tipo de leitura não deixem de ser praticadas (Aguilar e Pereira, 2026).

## **METODOLOGIA E DISCUSSÕES A PARTIR DO MATERIAL COLHIDO**

### **METODOLOGIA**

É importante observar que a motivação inicial para a escrita deste texto foi o entendimento de que a escola ainda deixa a desejar quando se fala em compreensão leitora. Há lacunas também na formação dos professores, sobre como se dá esse processamento cognitivo. Optou-se por fazer uma

pesquisa bibliográfica em que se buscou embasar teoricamente como se dá o processamento cognitivo e metacognitivos que ocorrem na mente do leitor, durante o processamento do texto, associada a uma mediação em leitura, para tentar respaldar as ideias aqui desenvolvidas.

Além da pesquisa bibliográfica, desenvolveram-se atividades, em sala de aula, durante a leitura de um conto impresso em papel, de Lima Barreto, seguindo o protocolo de leitura, levantado com o propósito de exemplificar e validar os tipos de operações inferenciais realizadas (ou não!) pelos alunos na apreensão do texto. Alguns exercícios sobre conhecimentos linguísticos e discursivos também foram realizados nos cadernos e folhas avulsas, com o intuito ainda de consolidar a compreensão do texto, culminando com uma produção textual. As respostas dadas pelos alunos compuseram o material de análise que foi contabilizado, ou analisadas à luz das teorias que sustentam a argumentação aqui defendida.

Durante (04) quatro aulas de Língua Portuguesa e Literaturas (I), a professora, num primeiro momento, explicou os objetivos do projeto, contextualizou o autor e o conto “O Pecado”, de Lima Barreto. Em seguida, determinou um tempo de cinco (05) minutos para a manipulação e leitura (s) do texto. Em seguida, aplicou uma dinâmica em que, diante da pergunta elaborada oralmente pela professora, tendo por base o protocolo de leitura levantado anteriormente, os alunos iam respondendo também de forma oral, e iam sendo contabilizadas as respostas, para ver número de acertos, dúvidas e erros.

Os alunos que não se sentiam seguros em dar a resposta, eram motivados a expor qual era sua dúvida ou dificuldade, diante de cada questão feita pela professora, oportunizando assim o debate e o entendimento, para que se dirimissem dúvidas e atribuíssem sentidos ao texto. Registra-se que, num segundo momento, algumas questões sobre figuras

de linguagem, sobre elementos referenciais, construção sintática das ideias, vocabulário, etc., foram resolvidas por escrito pelos alunos, justamente para que pudessem dirimir alguma dúvida.

Essas questões, orais ou escritas, de modo geral, referiram-se tanto ao enredo do conto como a outros elementos da superfície textual, para perceber se o leitor estava correlacionando de forma correta elementos lexicais, semânticos e sintáticos, necessários à compreensão, num verdadeiro exercício de associação, conexão, o que facilita a inferência, conforme ensina Marcuschi (1998).

Na sequência, os alunos assistiram a uma palestra com a professora de Filosofia, em que foram abordados valores morais e éticos na formação cidadã, com ênfase na hipocrisia, no racismo, na hipocrisia presente nas instituições, ou seja, temas levantados no próprio conto em questão. E, por último, os alunos elaboraram um texto dissertativo-argumentativo sobre o porquê de o personagem P. C. L. ter ido para o purgatório; montaram painéis e fizeram apresentações artístico-culturais, socializando para os colegas e professora os textos produzidos por eles.

A palestra foi *online*, oportunizando a interação e o debate coletivo sobre como a hipocrisia é analisada na filosofia, sob a ótica de Nietzsche, para quem a hipocrisia é uma máscara usada por pessoas frágeis, débeis para ocultar seu verdadeiro instinto, sua verdadeira natureza. Ou ainda, sob a ótica de François de La Rochefoucauld, autor da máxima “A hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude”. Foi abordada também na palestra a questão do racismo, que é um fenômeno estrutural que molda as relações; a decolonialidade e a valorização das culturas afrodescendentes; e, por último, sobre a validade de Frantz Fanon (2022) e demais pensadores atuais sugerirem a desconstrução da racionalidade racista, por trás da normalização dessas desigualdades.

## DISCUSSÕES

Após a contextualização sobre o conto e o autor, feita pela professora, os 33 alunos que compunham a turma nesse dia leram o texto. Após os cinco minutos dados para a leitura e releitura, a professora foi fazendo, oralmente, algumas perguntas, sondando o nível de compreensão da turma. Iniciou-se pelas perguntas, cujas respostas estavam explícitas no texto, partindo das mais fáceis às mais complexas. Os alunos continuaram com o texto em mãos para eventual consulta rápida.

Ao serem perguntados sobre quem teria acordado risonho no texto, 29 alunos responderam corretamente, dizendo que foi São Pedro. Somente dois (02) alunos responderam errado e outros dois (02) admitiram que estavam em dúvidas, preferindo não responder, conforme o combinado, anteriormente, com a professora. Quando perguntados sobre quem teria se debruçado sobre o livro em cima da mesa larga e baixa, aumentou o número de alunos indecisos. Foram vinte e sete (27) alunos com resposta rápida e correta, contra seis (06) que preferiam não responder, admitindo não se sentirem convictos de sua compreensão leitora. Na terceira pergunta: Quem reclamou / solicitou a lista das almas? Esses mesmos vinte e sete (27) alunos responderam corretamente, contra cinco (05) que preferiram não responder e um (01) que errou a resposta.

A análise que se faz das respostas dadas a esse bloco de questões propostas é a de que, mesmo considerando o tema do texto não tão atrativo ao jovem de hoje, o que mereceu uma contextualização feita pela professora antes da leitura, ainda assim um número significativo de alunos do ensino médio mostrou dificuldades em acionar estratégias cognitivas capazes de direcioná-los a respostas corretas. Não demonstraram a capacidade de “relacionar conhecimentos, vivências e ações, em um jogo criativo,

construtivo e sociointerativo”, conforme nos ensina Marcuschi (2008, p. 248). Ou seja, esses alunos não desenvolveram o nível de compreensão leitora que correspondesse ao nível de escolaridade que tem. Essa realidade é preocupante, e corriqueira no cotidiano escolar, trazendo outros transtornos que interferem na qualidade da aprendizagem de outros conteúdos dos vários componentes curriculares.

Nesse sentido, retomar estudos de SOLÉ (1998), Kleiman (2002), Marcuschi (2008) e valorizar os achados mais recentes sobre leitura digital, como os de Wolf (2019); (Souza et al, 2025), dentre outros, poderá representar um ganho providencial, uma vez que, quando bem compreendidos, esses saberes produzidos fortalecem a ideia de que a construção de sentidos é um processo ativo, dinâmico e que pode ser ensinado, através do incentivo ao uso de estratégias de leitura, tanto as cognitivas quanto as metacognitivas, independentemente do suporte textual, e apenas obedecendo às especificidades de cada formato.

Diante da pergunta sobre quem anunciava as mortes, apenas doze (12) atribuíram aos Anjos mensageiros, compreendendo-os como representados no conto pelo guarda-livros. Desse modo, confirma-se a hipótese de que há, de fato, um grande número de alunos que chega ao ensino médio com deficiências básicas em leitura, pois foi pequeno o número de alunos que conseguiu fazer inferências devidas, em relação à expressão presente no texto “Anjos mensageiros”, relacionando-a à figura do guarda-livros e percebendo também a ironia existente. Assim, essa ausência de habilidade apresentada por alguns alunos em fazer inferências e perceber a ironia, pode transparecer que não avançaram para além da predição/ antecipação. E é também nesse momento que se pode confirmar a validade de estudos, como “[...] perceber é reconhecer com categorias ou esquemas internalizados e não apenas ver, sentir, ouvir, etc. pela sensação direta dos sentidos puros”. Ou

seja, o ato de pensar acontece a partir de categorias e esquemas cognitivos elaborados socialmente como nos ensina Vygotsky (1984).

Analisa-se que a leitura do título do conto “O Pecado” – tenha oportunizado o momento da antecipação/predição -, e a presença de termos, como: São Pedro, repartição celestial e ordens do Supremo, por exemplo, logo no início da narrativa, poderão ter contribuído para que esse contingente de alunos alcançasse uma compreensão menos elaborada desse trecho do texto, já que esses termos cabem num mesmo campo semântico. Dessa maneira, a decodificação - quando ocorre o processo ascendente - em interação com os níveis semânticos - quando se dão os processos descendentes (Silveira, 2015) – podem ter sido tomados de forma aligeirada e causado esse desvio no entendimento, prejudicando o processo inferencial.

Quando se tentou sondar como haviam entendido, no texto, a referência histórica ao tráfico de cana-de-açúcar na América do Sul, buscando avaliar conhecimentos prévios e o senso crítico a esse tema, apenas um aluno solicitou espaço para expor seu ponto de vista, sob o olhar atento dos demais. E, ao iniciar sua exposição, ganhou a adesão de uma outra colega que se mostrou solícita em contribuir com a argumentação dele. É importante constar que os demais alunos dispensaram muita atenção e interesse à argumentação elaborada pelos colegas, como se pouco ou nada soubessem sobre como se deu o período da colonização e da introdução da cana de açúcar no Brasil.

Esses estudantes mostraram conhecer superficialmente o fato, a ponto de não demonstrarem habilidade ou conhecimento prévio suficiente, nem mesmo para fazer perguntas que facilitassem a compreensão sobre a fala dos dois colegas. Desse modo, entendeu-se que esses alunos-leitores não foram capazes de fazer a representação mental do conteúdo proposto; de fazer inferências, refutar hi-

póteses e selecionar outras, modificar sua predição, para processar as informações, na tentativa de dar sentido aos enunciados e compreender explícitos e implícitos do texto, de acordo com os ensinamentos de SOLÉ (1998).

Daí a importância do acompanhamento e da orientação devida, em cada fase do aprendizado da leitura, por um professor, independentemente da disciplina que leciona (ANTUNES, 1998), mas que conheça como se dá esse processo. Afinal, as exigências atuais tendem a ser cada vez maiores, pois os avanços e o desenvolvimento tecnológico caminham a passos largos, reivindicando que a escola e a sociedade se organizem, considerando-os parte do processo e sem o menor sinal de tendência a retrocesso.

Ao serem perguntados sobre a passagem do texto que questiona a utilidade da leitura antecipada da lista que foi entregue a São Pedro, pode-se afirmar que a maioria dos alunos, trinta (30), conseguiram compreender a ironia presente nessa afirmação. Alguns poucos alunos, três (03), no entanto, não se manifestaram, impedindo uma leitura mais clara e capaz de denunciar se houve falta de compreensão leitora, ou desmotivação e dispersão por parte desses três alunos. É interessante evidenciar que todos os alunos confirmaram ter conseguido justificar o título do texto, a partir da pergunta: Por que a alma acabou indo ao purgatório?

Na última tarefa atribuída aos alunos, solicitou-se que fizessem um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema “Racismo e Hipocrisia: como vencer práticas discriminatórias presentes na sociedade?” A leitura dos textos produzidos por eles, somada a defesa de argumentos sustentados pelos grupos na apresentação dos painéis e performances artístico-culturais, em que a cultura afrodescendente estava fortemente representada, permitiu perceber que a questão central do conto foi bem compreendida por todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola de hoje não basta apenas memorizar informações, mas há que ser capaz de validar, gerir e aplicar de forma produtiva o conteúdo lido, uma vez que a *Artificial Inteligence* (IA) já faz parte do cotidiano e exige capacidade de leitura crítica. Logo, não desmerecendo o valor da leitura digital, tão necessária também para a aquisição de informações, apela-se para que tanto na formação docente quanto nos momentos de formação continuada ou em serviço, nos distintos sistemas de ensino, sejam retomados os saberes produzidos sobre como ocorre o processo cognitivo da leitura, nos mais diversos suportes textuais, explorando-os de forma criteriosa. Dessa maneira, o ensino de leitura e a compreensão leitora deixarão de ser vilões.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. Parábola, 2009.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998

COSTA, A.; FALÉ, I. **Leitura digital ou em papel?** Efeitos do suporte na compreensão. Lisboa: Universidade Aberta, 2024. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/leitura\\_digital\\_ou\\_em\\_papel.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/boletim/leitura_digital_ou_em_papel.pdf). Acesso em: 29 abr. 2026.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GOMES, M. S.; COSTA, R. C.; SANTOS, A. A. M. dos. Neurociência, educação e tecnologia: a interseção cognitiva da aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 6, p. 3572–3579, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i6.19957>. Acesso em: 05 mar. 2026.

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8ed. Campinas: SP: Pontes, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed..São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

OLIVEIRA, F. J. Dantas de; SILVEIRA, M. I. M. **Leitura: abordagem cognitiva**. Maceió. EDUFAL, 2015.

OLIVEIRA FILHO, C. A. de. **Leitura digital versus leitura tradicional: questões contemporâneas**. 2024. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/14916>. Acesso em: 09 mar. 2026.

SILVA, M. C. B. da; AGUIAR, T. P. Neurociência Educacional e Tecnologia: impactos cognitivos das telas sobre a leitura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. 1–9, 2026. DOI: 10.51891/rease.v12i4.25779. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/25779>. Acesso em: 29 abr. 2026.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling – 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, L. B. de; ABICH, N. M.; BELUSSO, P. P. Fatores que interferem na pesquisa sobre a compreensão leitora de texto impresso e digital. **Revista Leitura**, v. 1, n. 85, p. 20–35, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.202585.20-35>. Acesso em: 10 mar. 2026.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto *et al.* 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.